

A IDENTIDADE NACIONAL ENTRE O RESSENTIMENTO E A CRIATIVIDADE: ENTREVISTA COM PAULO CÉSAR NASCIMENTO

Kaio FELIPE¹
Mateus LÔBO²

O professor Paulo César Nascimento possui graduação e mestrado em História pela Universidade Patrice Lumumba (Moscou, 1980), mestrado em Relações Internacionais e Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica (Rio de Janeiro, 1989), e doutorado em Ciência Política pela Universidade Columbia (Nova York, 2002). Entre 2005 e 2021 foi docente no Instituto de Ciência Política (IPOL) da Universidade de Brasília (UnB), tendo recentemente se aposentado. Atualmente é credenciado no Programa de Pós-Graduação em Metafísica (PPGμ) da UnB. Suas pesquisas circunscrevem os seguintes temas: nacionalismos e identidade nacional, pensamento social e político no Brasil, teoria política clássica e moderna.

Entre suas principais publicações estão artigos como *Dilemas do Nacionalismo* (2003) e *Brazilian National Identity at a Crossroads: The Myth of Racial Democracy and the Development of Black Identity* (2008) e a co-organização dos livros *Filosofia ou Política? Diálogos com Hannah Arendt* (2010) e *A Identidade Nacional em Questão* (2016).

Realizada no Rio de Janeiro (RJ) em 12 de Julho de 2022, esta entrevista buscou apresentar um balanço de sua trajetória acadêmica e de sua perspectiva teórica sobre variados temas, tais como a identidade nacional e o nacionalismo; o marxismo; o pensamento de Hannah Arendt; as inovações interpretativas dos clássicos do pensamento social e político brasileiro; o modo como a filosofia

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Doutor em Sociologia e Mestre em Ciência Política. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1207-255X>. kaiofelipe@gmail.com.

² Universidade de Brasília (UnB), Instituto de Ciências Sociais, Brasília – DF – Brasil. Doutorando em Sociologia e Mestre em Ciência Política. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4139-8046>. lobo.mateus@gmail.com.

política grega continua nos auxiliando a entender fenômenos políticos contemporâneos; e o papel tanto negativo quanto criativo que o ressentimento pode ter na formação do imaginário de uma nação.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *Para conhecermos melhor sobre o senhor, poderia nos falar um pouco da sua biografia e da sua formação acadêmica?*

Paulo César Nascimento: Em primeiro lugar, obrigado pela entrevista; eu estava meio enferrujado em assuntos acadêmicos (risos). A minha carreira acadêmica foi muito diversificada, porque eu fiz graduação e mestrado em História na União Soviética, fiz dois mestrados na PUC-Rio (um de Relações Internacionais e outro de Filosofia) e estava me preparando para fazer doutorado em Filosofia na PUC, quando vieram os anos de mudanças na URSS, e fiquei interessado em estudá-las. Fiz uma solicitação para estudar na Universidade de Columbia, em Nova York, onde havia um Centro de Estudos Soviéticos muito tradicional, e fui aceito; lá eu fiz meu doutorado em Ciência Política. Só que, no 1º ano, a URSS começou a desmoronar rápido demais, e aí foi aquele caos, porque tiveram que mudar o nome do instituto (não sabiam se colocavam “Russo” ou “Pós-Soviético”), e caiu muito o nível de ensino, muitos professores se afastaram.

Eu então resolvi estudar identidade nacional russa, pois notei que, logo após a queda do comunismo, movimentos nacionalistas na Rússia estavam se reerguendo. Achei que aquele era um caminho promissor; a minha tese de doutorado foi sobre identidade nacional russa e seus reflexos na política exterior. Depois eu voltei para o Brasil e passei em um concurso para a UnB, no Instituto de Ciência Política, e fiquei lá até me aposentar, no ano passado (2021). Como não havia ninguém para dar aula de Teoria Política Clássica, que era algo que eu havia estudado quando fiz o mestrado em Filosofia na PUC, resolvi pegar esse nicho. Além disso, desenvolvi estudos sobre identidade nacional brasileira e de outros países. Foi um assunto que me rendeu bons alunos, mas não tive muita repercussão dentro do corpo docente lá da Ciência Política da UnB; eles sempre acharam algo passado, velho, sem importância – apesar dos movimentos identitários estarem “pipocando” no mundo inteiro, inclusive na América Latina, com as identidades indígenas. Além disso, fui desenvolvendo também estudos em Teoria Política Clássica e me especializei em Hannah Arendt.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *Como o senhor foi estudar na URSS como estudante de graduação? E como foi a experiência como doutorando em Columbia?*

Paulo César Nascimento: Fui estudar em Moscou porque era filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Entrei para o partido muito novo, acho que com uns 17 anos, e fui para União Soviética com 19 anos. Na verdade, fui para lá para estudar Medicina, porque minha família nunca teve um médico, aí eu falei: “Vou ser o primeiro médico”. Aí me matriculei na universidade no curso de Medicina, mas depois de um ano eu vi que minha família ia continuar sem médico (risos), porque aquilo não me atraía. Passei para História. O curso de História, como vocês devem saber, era muito calcado no pensamento marxista, era uma história universal em que todo o decorrer do processo histórico era seguindo a luta de classes, era uma leitura bem materialista. Esse enfoque marxista limitava muito – podia ser um entre outros, mas era só aquele. Fiz a graduação, aproveitei e emendei com o mestrado e fiz uma dissertação sobre o modo de produção no Brasil. Peguei alguns autores marxistas brasileiros clássicos, como Florestan Fernandes, Nelson Werneck Sodré, Jacob Gorender e Caio Prado Jr. Era uma discussão meio esotérica, porque queriam encaixar três modos de produ o dentro de uma col nia. O Brasil já estaria dentro do mercantilismo europeu, ao mesmo tempo que Portugal ainda era um país bastante feudalizado, e com isso a estrutura do poder no Brasil também era. Além disso, havia uma terceira variável de modo de produ o no país: a escravidão.

Até ali eu não tinha me atentado muito para identidade nacional, porque o nacionalismo era sempre visto pelos marxistas com uma desconfiança muito grande, afinal o marxismo é muito fundamentado em uma perspectiva internacionalista.

Voltei para o Brasil no início dos anos 1980. Eu fiz tantos mestrados porque aquele que fiz na URSS não foi aceito no Brasil. São revalidaram a minha gradua o em História.

Columbia é outro universo. É uma universidade com bibliotecas fantásticas e professores muito competentes. Mas a Ciência Política americana é muito calcada na ideia de escolha racional, de métodos quantitativos. L  havia quatro áreas de Ciência Política: Rela es Internacionais, Estudos Comparados, Estudos Americanos (*American Government*) e Teoria Política. A última era a que eu mais gostava, mas era uma área pequena, tinha apenas uma professora, então resolvi ficar mais em Estudos Comparados. Comecei a examinar muitos documentos sobre a história russa. No começo da época p s-soviética, passei a estudar qual a importância da identidade nacional como fator político determinante da modernidade. A propósito, no pensamento social brasileiro, a pergunta sobre o que é o Brasil e qual o lugar dele no mundo tem angustiando todos os pensadores. Enfim, Columbia foi uma experiência muito boa, abriu muito a minha cabeça, mas a

Ciência Política americana nunca me atraiu. Peguei o máximo possível de aulas de Teoria Política e Estudos Comparados para fugir dos métodos quantitativos. Mesmo assim, no projeto de tese exigiam que era preciso fugir da metafísica e me perguntavam qual era minha “variável independente” – e eu ficava pensando que não há nada mais metafísico do que a “variável independente” (risos).

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *Quais autores exercem, ou exerceram, maior influência na sua produção acadêmica e na sua visão de mundo?*

Paulo César Nascimento: Marx e os marxistas (por exemplo, Antonio Gramsci) sempre foram uma referência para mim, principalmente numa etapa anterior da minha formação acadêmica. Eu vi, contudo, um esgotamento daquele pensamento, a partir de que o mundo estava mudando e o marxismo estava ficando cada vez mais limitado, inclusive não seguindo aquilo que Marx sempre pregou: é a realidade que informa o teórico, e não o contrário.

Entre Marx e Hannah Arendt eu tive um período de transição longo já no Brasil, onde fui bastante atraído pela Escola de Frankfurt. No início da década de 1980, foi lançado aqui no Brasil o livro principal de Habermas, a *Teoria do Agir Comunicativo* (1981). Foi uma obra que me influenciou, mas também muitos outros acadêmicos que eu conhecia – fizemos até grupos de estudos. A partir dele lemos também Adorno, Horkheimer, Marcuse e, em menor medida no meu caso, Benjamin (até lamento isso). Focamos em Habermas a partir daquela ideia de que havia uma lógica, quase que uma cientificidade no agir comunicativo, que obrigava os interlocutores a buscar um entendimento. Todo o pensamento de Habermas é voltado nessa direção; ele tem uma parte da tradição da Escola de Frankfurt, que é justamente a crítica à tecnologia. E tenho a impressão de que isso vem da influência que Heidegger teve sobre Marcuse, e isso foi passado para todos os frankfurtianos. Habermas também critica a tecnologia, mas de outro jeito: ela pode ser utilizada em benefício da humanidade, e temos que recuperar o *Lebenswelt* (mundo da vida) diante de invasão do mesmo pela técnica e pela ciência. O que pensamos estaria muito condicionado por uma racionalidade instrumental, com respeito a fins, precisamos redescobrir um novo tipo de racionalidade, que é o agir comunicativo. Pelas próprias regras de comunicação é possível encontrar o melhor argumento. Hoje em dia, evidentemente, eu já não concordo com isso, mas foi uma influência muito grande sobre mim durante um tempo.

Comecei a ler Hannah Arendt por acaso, em um curso lecionado pelo professor Eduardo Jardim na PUC-Rio. Quando ele introduziu Arendt, toda aquela leitura chata do Habermas, aquela linguagem pesada, ficou sendo insu-

portável, porque a prosa da Hannah Arendt é muito bonita, ela é quase uma poeta. Além disso, havia a ideia de recuperar os gregos, do agir político, isso ganhou todo mundo dentre os grupos da PUC. Eu diria que foi ali que o pouco do marxismo que eu ainda comungava, mesmo lendo Habermas (considerando que a Escola de Frankfurt ainda tinha um pé no marxismo), desapareceu. Arendt foi um universo diferente, cuja questão principal era o agir político, com sua crítica a todas as teorias, toda a metafísica ocidental que determinava um caminho para o agir, e ela buscava um agir livre. Eu sei que tem muita gente que sempre está buscando uma solução para os problemas da sociedade. Quando não encontraram isso em Marx, se decepcionaram com ele, então foram para Habermas e depois para Arendt, que por um tempo foi tratada como uma pensadora que podia “iluminar caminhos da prática”, algo que é completamente alheio ao pensamento dela. Isso é uma tendência no Brasil: muitas pessoas seguem os pensadores, mas pensando em como eles podem ser “usados” para mudar a realidade societária.

Quanto aos autores brasileiros, no início eu me interessava pelos que interpretavam o Brasil com enfoque marxista, como Florestan Fernandes, Caio Prado Jr. e Nelson Werneck Sodré. Mas, rapidamente, isso foi sendo superado. José Guilherme Merquior também me influenciou. Embora eu nunca tenha sido liberal, eu sempre o acompanhei, ficava muito impressionado com seu conhecimento, com suas ideias, li vários livros e assisti às palestras dele. Eu vim da esquerda, então o Merquior, em obras como *O Liberalismo: Antigo e Moderno* (1991), abriu a minha cabeça para a importância de certos elementos do pensamento liberal que deveriam ser óbvios para todo mundo, como *habeas corpus*, direitos civis, liberdade de expressão... Um outro problema de vários pensadores brasileiros – e meu também durante algum tempo – é uma prioridade excessiva da questão social. Isso é muito forte no marxismo brasileiro. Não estou negando a importância da questão social em um país com a desigualdade do Brasil, mas a dimensão democrática sempre foi puxada a reboque. Nos meus últimos anos no Partido Comunista Brasileiro, eu estava com um grupo dentro do partido que era completamente contrário ao regime soviético – como eu tinha morado na URSS eu tinha “lugar de fala” (risos). Expulsaram esse grupo do PCB. A democracia era sempre vista, para usar termos marxistas, como uma “superestrutura”. Apesar dos partidos de esquerda participarem de eleições, eles nunca se ativeram ao valor da democracia em si. Para citar um exemplo de um amigo meu já falecido, o Carlos Nelson Coutinho, a tese dele no livro *A Democracia como Valor Universal* (1984) foi abraçada por essa ala dissidente do PCB. Só que não há no livro dele um foco grande no que é de fato “democracia”, por exemplo, eleições competitivas,

liberdade de expressão, direitos políticos e civis... A questão da democracia era ainda muito instrumental, voltada para resolver os problemas sociais.

Voltando ao período não-brasileiro, um outro autor marxista que me influenciou muito foi Gramsci. Através dele comecei a ver a questão da democracia quando ele falava nos *Cadernos do Cárcere* sobre a necessidade de se construir um bloco histórico, sobre como a revolução no Ocidente não pode ser como revolução na URSS – até porque nos países ocidentais havia uma sociedade civil mais forte do que na Rússia, portanto era preciso levar em consideração os diferentes organismos da sociedade. Gramsci, portanto, parecia apontar para um socialismo mais democrático, mas tudo aquilo que pareceu insuficiente em termos do que o liberalismo, na figura do Merquior, colocava para a democracia. Não se encontra em Gramsci, por exemplo, uma indagação sobre se deveria haver eleições competitivas. Além disso, o conceito de hegemonia, a ideia de fazer a cabeça das pessoas, é um negócio perigoso. Não há no marxismo uma incorporação de elementos importantes do liberalismo. Na época eu ainda desconhecia a literatura da social-democracia europeia – por exemplo, a escola austro-marxista (autores como Otto Bauer) e Edward Bernstein, os quais eu só fui ler quando estava na UnB. Para os social-democratas é preciso levar em conta mecanismos de mercado, competitividade eleitoral, formação de partidos... O Bernstein já estava pensando na questão democrática do socialismo, a qual só vai aparecer nessa linha marxista em que eu estava com o chamado eurocomunismo, no fim da década de 1970, em especial nos partidos comunistas da França e na Itália, onde ninguém aguentava mais o sistema burocrático soviético. Essa linha social-democrata nunca foi plenamente estudada ou exercida no Brasil. É verdade que o PDT do Brizola se aproximou da Internacional Socialista, mas isso me pareceu mais uma questão de onde o trabalhismo ia se localizar dentro da esquerda do que uma opção consciente.

Quanto às demais influências, depois que eu comecei a ler Hannah Arendt também li bastante sobre identidade nacional e nacionalismo, inclusive autores clássicos nesse tema, como Eric Hobsbawm e Ernest Gellner.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *No percurso intelectual do senhor, é possível observar um interesse constante em temas como democracia, teoria política clássica e moderna, nacionalismo e identidade nacional. Por que a escolha dessas questões?*

Paulo César Nascimento: Elas foram a reboque das minhas experiências pessoais. A questão da democracia veio por causa da União Soviética. Quando eu estava lá, comecei a tentar encontrar um socialismo democrático. Quanto à iden-

tidade nacional, foi porque esses movimentos nacionalistas começaram a surgir em uma época de globalização. Quando caiu o sistema soviético e seus países-satélite, a palavra mais ouvida na Ciência Política e nas Relações Internacionais norte-americanas era “globalização” (ou “mundialização”, na França). Há um artigo famoso do Francis Fukuyama (*O Fim da História?*, 1989) no qual ele afirmava que o novo mundo será pautado por mercado e capitalismo democrático, e que será até chato, porque não vai acontecer nada. A propósito, contestando Fukuyama, veio um autor que também me influenciou muito: Samuel Huntington. Quando eu saí do marxismo, perdi o medo de ler as coisas, e Huntington era um baluarte do conservadorismo. Embora conservador, sua análise era bem realista: em *O Choque de Civilizações* (1993), ele vê um declínio do poder americano, o surgimento de nacionalismos e de movimentos anti-ocidentais (algo que vemos até hoje, com o fenômeno do pensamento pós-colonial). Há nesses movimentos um desejo de volta a um passado idílico, aos valores dos seus antepassados, de sua raça, de sua religião. Huntington disse que a globalização iria se chocar com valores locais, regionais e nacionais, e as pessoas iriam voltar para onde elas se sentem psicológica e culturalmente estáveis, com um lugar no mundo diante da globalização – a qual, no fundo, é ocidentalização. O Samuel Huntington viu muito bem isso: a contestação do Ocidente pelo islamismo, por grupos indígenas, por movimentos nacionalistas (tanto os que tinham caráter fascista quanto os que não tinham)... Ele foi um dos maiores responsáveis por eu estudar identidade nacional, embora ele próprio trate de identidade em um sentido mais religioso. Sempre foram curiosidades da realidade que me levaram a me interessar por novos temas. Nesse sentido, eu permaneci marxista (risos).

Quanto aos gregos, me interessei via Hannah Arendt. Para estudar política, é preciso estudar as origens, ver os fundamentos. Não é possível fazer um corte e achar que todo o passado é inútil para te informar alguma coisa. Uma das tendências do pensamento moderno é tratar o mundo como se tudo começasse no século XVI, e isso é muito superficial. Arendt tem uma capacidade muito grande de, através do choque com o paradigma grego, nos fazer pensar nos problemas que o mundo moderno tem: os problemas acarretados pela sociedade de massas e pela tecnologia, a perda da capacidade de agir politicamente...

Uma última influência, mais recente, foi Freud. Li-o muito com a perspectiva de retomar um pouco o tema que me interessava na época de Habermas: a razão humana. Isso começou a me irritar de certa forma, porque a ideia do melhor argumento na prática não se verifica; há um mundo de paixões que invade o espaço público, o pensamento humano, e nem Habermas nem Hannah Arendt viram isso. Ambos viam o homem ainda com uma ideia grega de um ser

dotado de algo superior a todos os outros seres: a razão, o *logos*. Em um mundo tão sem *logos* como o nosso, com tantas manifestações irracionais, comecei a me interessar por Freud – não pela sua psicanálise clínica, mas pela sua metapsicologia. O nosso pensamento consciente não é mais do que uma ponta do *iceberg* de um inconsciente de forças ocultas. Estamos obedecendo a um impulso ou desejo que é profundamente inconsciente, do qual nós não nos apercebemos. Todas as manifestações das nossas paixões, pulsões não desapareceram, eles informam muito do nosso pensamento – e isso está muito presente no estudo do nacionalismo, pois a força deste não está numa lógica teórica sólida, mas no sentimento de identidade, de reconhecimento. São forças que dificilmente podem ser explicadas somente pela razão.

Uma vez que a razão é contestável e em grande parte informada por instintos, o pedestal em que o ser humano se colocou começa a perder força, e a nossa proximidade com os outros seres viventes e com a natureza é muito maior do que a gente pensa. Uma das razões para querer dominar a natureza (algo que vem dos gregos e passa pelo Iluminismo, pelo marxismo, pelo capitalismo...) é acreditar que somos superiores a ela, e com isso poderíamos escravizar os animais e plantas. O cristianismo pega a imagem grega da glorificação da razão e vai dizer que o homem é feito à imagem de Deus. Freud é um caminho interessante para começar a contestar essa hegemonia da razão. O predicado que nos diferencia não é absoluto, também somos assolados por paixões – e a política é um campo onde isso aparece de forma muito veemente, por exemplo, em épocas eleitorais. O interesse em Freud caminha também por trazer uma visão de mundo mais em consonância com o ambientalismo: o domínio da razão humana não seria tão absoluto, pois estamos muito inseridos na natureza. A razão é muito ambígua – criou a *Monalisa*, mas também a bomba atômica. Freud dizia que há coisas impossíveis de se colocar no ser humano, no seu núcleo duro. O máximo que a própria psicanálise poderia fazer é transformar miséria neurótica em infelicidade banal. A civilização é para ele baseada na supressão dos instintos, e a razão serve para coibir, controlar, administrar as paixões.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *Em seu artigo Dilemas do Nacionalismo (2003), o senhor mapeia as interpretações do nacionalismo. Um dos contrapontos feitos no texto é entre os autores que têm uma concepção modernista do nacionalismo – ou seja, como um fenômeno recente e deliberado – e aqueles que enfatizam o elemento de ancestralidade – por exemplo, as teorias antropológicas, como a de Clifford Geertz. O senhor acredita que, de alguma maneira, seu interesse recente por Freud tem a ver com a percepção de que existe um elemento mais culturalis-*

ta do nacionalismo que não pode ser explicado simplesmente como um projeto moderno?

Paulo César Nascimento: Sem dúvidas. O Anthony Smith se baseia muito nessa ideia: não se pode entender o nacionalismo sem estudar as raízes históricas e culturais, a ancestralidade. É isso que dá força a ele. Por outro lado, essas manifestações só têm vazão dentro do moderno, da estrutura da modernidade, e é essa a ambiguidade do nacionalismo: é um fenômeno moderno, mas que não pode ser explicado sem esse salto para trás. A força do nacionalismo está na paixão, não na racionalidade, não nas ideias – muitas das quais, aliás, são retrógradas, atávicas, entram em choque com valores universais. Para entender o nacionalismo, é preciso olhar para além do programa. Nesse sentido, há uma outra autora, que também é muito conservadora (ela é muito anti-Rússia e pró-EUA), mas me influenciou muito, que é a Liah Greenfeld. Ela conseguiu pegar um fio da meada no conceito de ressentimento (o qual remonta a Nietzsche e Max Scheler) que acredito que é muito importante para entender, por exemplo, os movimentos identitários. O ressentimento consiste na inversão dos valores. Você troca os valores dominantes do mundo hegemônico em que está inserido – os quais considera inalcançáveis – por valores autóctones. Ou seja, você não se livra do objeto que está contestando, e isso é visível nos movimentos pós-coloniais, os quais só poderiam surgir no Ocidente mesmo. A maioria dos professores pós-coloniais dão aulas na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos... É com o instrumental do pensamento ocidental que esses autores se voltam contra a hegemonia ocidental. O pós-colonialismo é um “neo” anti-imperialismo.

O ressentimento é uma força muito grande nos nacionalismos, especialmente nos países que estiveram sob égide colonial. A reação contra o Império vem sempre no sentido de que “nada que venha dali presta”, pois os verdadeiros valores seriam os autóctones. A Rússia, por exemplo, é um país muito ressentido. Ela, tradicionalmente, sempre teve uma disputa psicológica e intelectual com o Ocidente, pois é um país enorme, com um potencial muito grande de desenvolvimento, mas ao mesmo tempo é um país mergulhado em pobreza, opressão e brutalidade. Quando a elite russa ia para a França ou para Inglaterra, eles notavam essa diferença. É por isso que existe essa divisão na intelectualidade russa entre eslavófilos e ocidentalistas. Estes ficam adorando a França por ser uma sociedade desenvolvida e democrática, enquanto aqueles se voltam de forma ressentida para a ideia de que a verdadeira Rússia não é ocidental, e sim a calcada nos valores do camponês, da espiritualidade da Igreja Ortodoxa, da terra russa. Isso está muito em voga hoje em dia, com o Putin. O Ocidente é encarado

pelos nacionalistas russos como “o mundo que não alcançamos, então vamos desprezar seus valores”. O sociólogo Alexandr Dugin, que é muito influente na Rússia, fala que o Ocidente é materialista, individualista, não tem perspectivas de espiritualidade... Essa postura já vem de muitos séculos.

A crítica marxista também se inseriu nessa ideia. Nela, o Ocidente é reduzido ao capitalismo ocidental. Os nacionalistas diziam que a Rússia tem um papel preponderante no mundo porque Moscou seria a Terceira Roma da espiritualidade através da ortodoxia cristã. O marxismo, a meu ver, se popularizou na Rússia justamente porque ele atendia às duas fontes que os intelectuais russos buscavam: a grandeza de sua pátria (o lado eslavófilo) e o Ocidente moderno que o capitalismo e o socialismo poderiam trazer (afinal, o marxismo é ocidental). Nos primeiros anos, com Lênin, houve uma onda internacionalista, mas logo depois veio o “socialismo em um só país” com Stalin, é a volta à eslavofilia. Anos depois, antes mesmo da queda do comunismo, Gorbatchov, já na primeira frase importante que pronunciou como dirigente, fala em construir uma “casa comum europeia” – ou seja, recolocar a Rússia como país ocidental. Por razões geopolíticas, a Rússia não foi colocada nem se colocou na Europa, e foi até mesmo desdenhada. Com isso, paulatinamente voltou a se encarar como Eurásia.

Me parece que o marxismo na América Latina tem muito disso. O anti-imperialismo americano é muito também uma ideia ressentida, contra um país que, no fundo, “deu certo” em várias áreas. No pensamento social brasileiro, uma ideia que sempre está perpassando os autores é como tirar o Brasil do atraso, como ele pode chegar ao Primeiro Mundo. Alguns argumentam inclusive que o Brasil já era bom e maravilhoso desde o início (por exemplo, Darcy Ribeiro).

Eu peguei o conceito de ressentimento da Liah Greenfeld e comecei a pesquisar isso também em Nietzsche, Scheler e uma psicanalista brasileira, a Maria Rita Kehl, que escreveu um livro interessante sobre o tema (*Ressentimento*, 2004). Ao analisar certos movimentos identitários (por exemplo, nos EUA), é possível notar que muitas vezes o ressentimento vem em paralelo com uma grande vitimização psicológica. Não é que a causa originária desses grupos seja inválida, mas o ressentimento é uma força da qual se deve ter consciência.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *Considerando o caráter periférico do pensamento brasileiro, em que medida o conceito de “ressentimento” pode ser uma chave de leitura pertinente para compreender algumas das principais interpretações do Brasil?*

Paulo César Nascimento: A pergunta vem bem a tempo de eu fazer um adendo. Até agora falei muito do ressentimento como algo negativo, como

substituição de valores em reação a um modelo que não larga você e você não consegue se largar dele, e ao não conseguir alcançá-lo você se vitimiza. Um outro aspecto que pode explicar boa parte de certa produção do pensamento social brasileiro é que o ressentimento tem um lado criativo. Essa é uma diferença que eu tenho em relação à Liah Greenfeld. Enquanto ela só vê o lado negativo do ressentimento, do qual não sai nada de bom, a pessoa não consegue se sentir parte do modelo que ela critica etc., para mim na verdade há saída sim, você pode ser criativo e propor algo inédito. No caso do pensamento brasileiro, podemos ver isso em obras como as de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre.

Freyre parte de uma comparação do Brasil com os Estados Unidos, e o que ressalta nessa comparação é que, mesmo com os EUA sendo uma potência e o Brasil ainda sob o signo do atraso, ambos tinham em comum o passado escravagista. No pensamento de Freyre, a criatividade está no fato de que ele estuda o Brasil Colonial e nota uma diferença muito grande: nós, brasileiros, construímos uma sociedade que mesclou as raças, e com isso temos uma civilização diferente. A escravidão brasileira é de origem maometana, em que o escravo é parte do círculo da família, e não existe aquela cultura protestante que separa racialmente o negro do branco. É um racismo mais flexível, por assim dizer. Não é que não haja racismo, mas ele não é tão excludente. A miscigenação brasileira, mesmo que tenha sido em grande parte através da submissão sexual das escravas, é muito maior que nos EUA. Os críticos podem alegar que Freyre estaria defendendo a escravidão ou o sistema patriarcal, mas a meu ver ele tem uma explicação do Brasil muito criativa e inovadora, até por valorizar a presença do negro e a importância da mestiçagem numa sociedade que queria ser branca. Antes do Freyre ninguém fez isso. Antes se pensava em um Brasil branco, o que é surreal em um país altamente miscigenado. Estou falando tudo isso para realçar que, mesmo procedendo a comparações com outros países e modelos, você pode ser criativo sem necessariamente ser pessimista, vitimizado. No pensamento brasileiro você vê rasgos de criatividade muito grandes.

Sérgio Buarque de Holanda, com a ideia de “homem cordial”, trouxe um aporte explicativo bastante rico: o ser que é muito passional. Ele desvendou um aspecto e colocou isso como uma característica nacional; é uma interpretação, não é um negativismo. Nesses pensadores há sempre uma ideia de como superar o atraso.

Oliveira Viana, embora seja um conservador, faz uma crítica muito válida à descentralização aos moldes ocidentais dos órgãos de poder (por exemplo, como se fez na Inglaterra) ao afirmar que ela pode estar empoderando oligarquias locais. Não é à toa, aliás, que ele apoiou Getúlio Vargas. Quando você vê

as reformas no Brasil, elas são sempre reformas de cima para baixo, de governos autoritários que paradoxalmente impõem uma ordem mais progressista. O poder local é muito mais oligárquico. Esse e outros pensadores iluminaram aspectos do Brasil. O que me parece que impulsiona todos é a ideia de superar o *gap* que o Brasil tem em relação ao progresso.

Voltando para os russos, percebi que aquilo que Lênin e outros queriam era mudar a Rússia, e viam no marxismo o instrumento para tirá-la do atraso. A Rússia estava inferior a outros países, o socialismo seria a redenção dela. O ressentimento, portanto, pode ter criatividade e não só passividade e pessimismo.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *Existem autores e obras das ciências sociais brasileiras que merecem uma “releitura” ou “redescobrimto”?*

Paulo César Nascimento: Eu acho que releitura é sempre importante. Nunca dá para você partir de um ponto em que não volta atrás para reler os chamados cânones ou clássicos. Eu sempre falava para meus alunos na UnB: “Vocês querem ser marxistas? Tudo bem. Mas leiam Marx, não vão ficar lendo só o último marxista ‘tchan’” (risos). Se for estudar raça, por exemplo, você tem que estudar como esse tema foi pensado antes. Cada vez que você lê ou relê os clássicos brasileiros com um olhar diferente, você reinterpreta, critica, mas também absorve pontos que você não viu antes. Creio que isso é assim com todos os grandes pensadores, do Brasil e do mundo.

Só para dar um exemplo de releitura de como problemas atuais da democracia podem ser encontrados nos clássicos, eu sempre volto aos gregos. Por exemplo, a análise da crise das democracias contemporâneas – por exemplo, em *Como as Democracias Morrem* (Steven Levitsky & Daniel Ziblatt, 2018) – parte de fenômenos como o crescimento do populismo na direita e na esquerda, a constante incapacidade das instituições democráticas de lidarem com os problemas de seus países, a negligência da população em relação à democracia etc. Aí você lembra de como essa questão já estava colocada numa pólis, numa cidade-estado muito pequena. Eu me lembro do diálogo platônico *O Estadista* (ou *O Político*), no qual Sócrates diz para ser interlocutor: “Como podem exercer política se não sabem nem jogar damas?”. Já está presente em Platão e Aristóteles, ainda que de formas diferentes, a ideia de que é preciso afastar o econômico do político para conter o perigo das massas, tanto de pobres quanto de ricos, que estarão sempre no reino das necessidades e no espaço público colocarão a política a serviço delas. Hoje em dia, isso continua fazendo sentido em uma época com o materialismo mais rasteiro possível, com consumismo crasso como a atual, na

qual um governo bem-sucedido economicamente pode se manter indefinidamente – como ocorre, por exemplo, na China ou em Cingapura.

Eu acho importantíssimo ter sempre um pé no passado, buscar a historicidade de um pensamento, as contradições que teve que enfrentar na sua própria época e cultura para aí você extrair elementos que possam aprofundar a discussão. Acho um erro muito grande você “cortar” o passado. Os estudantes hoje na universidade não sabem nada do passado, é surreal. Parece que nunca tiveram aula de História. Uma coisa que muito me impressionou como professor é que, mesmo numa época com mil bugigangas eletrônicas em que você “fisga” qualquer livro ou informação, os estudantes de graduação não sabem nada de autores que não sejam contemporâneos. Fica faltando historicidade, e a contemporaneidade é evidentemente muito rasa, limitada.

Por exemplo, o conceito muito popular hoje em dia de “lugar de fala” é problemático. O que aconteceu com aquela ideia kantiana de você se colocar no outro para entender, o “pensamento alargado”? Como você vai ter solidariedade com alguém se consegue se colocar no lugar dele? Esse “egocentrismo” vem muito da cultura política norte-americana, na qual você reserva o “lugar de fala” só para a sua “bolha identitária”, seja ela racial, religiosa, de gênero... A consequência política disso é que os temas universais se perdem. Cada grupo só quer “arrancar” o máximo possível das reivindicações de sua própria identidade, só pensa na sua própria “bolha”. É um ressentimento do qual não sai muita criatividade. Tendo a pensar que não é à toa que isso venha de uma sociedade liberal como a dos EUA: é um movimento de liberdade, mas no qual se exacerbava excessivamente os direitos do indivíduo.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *O Brasil passou por diversas mudanças marcantes desde a redemocratização nos anos 1980. Como o repertório teórico-metodológico dos autores clássicos de nosso Pensamento Político e Social ainda permite entender as questões contemporâneas?*

Paulo César Nascimento: Houve mudanças impressionantes desde a redemocratização. O Brasil dos anos 1960 vivia em outro universo, era mais conservador, mais tradicional, mais católico... Por outro lado, em nosso país as mudanças não são fruto de maturação política ou intelectual, elas vêm aos solavancos. Mas muita coisa se reproduz, não há um processo de modernidade consistente. Ainda há um peso do passado.

Gilberto Freyre, por exemplo, mostra a importância da miscigenação, o que hoje em dia está em voga pelo debate sobre a política de cotas ou quando

se quer pegar a realidade pós-moderna, hiper identitária, binária dos Estados Unidos e aplicar para o contexto brasileiro, uma sociedade muito miscigenada. O que é o “pardo”? O Obama, por exemplo, é filho de uma mãe branca e um pai africano. É um mestiço *par excellence*, mas nos EUA aquela “gota de sangue” africana é o bastante para ele ser considerado negro. Aí você vê um choque do passado com a transformação moderna. A grande maioria da população brasileira é parda, mas qual o estatuto do pardo? Ele vai ser incorporado aos negros ou é um terceiro grupo (como eu acho que deveria ser)? Essa discussão já vem de antes e tem continuidade.

O mesmo ocorre com a discussão sobre a paixão, com o “homem cordial” de Sérgio Buarque. Esse caráter passional não é necessariamente carinhoso. Ele também pode ser violento, pois obedece ao coração. Em uma sociedade como a nossa, que passa por tantas transformações, as paixões vêm à tona, porque muitos não aceitam as mudanças de valores, não aceitam a nova ordem econômica – com concorrência desenfreada e crescente desigualdade –, e isso pode solidificar o caráter passional. Aquilo que era visto como o homem tradicional por Sérgio Buarque pode ser também uma categoria política e até policial e criminal hoje em dia, vide os casos recentes de violência movida por paixão política. Não é o homem tradicional discutindo por questão de honra, ou algo como uma briga de futebol, é uma coisa que vai para o âmbito da eleição.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *O senhor acha que as interpretações de larga escala do Brasil típicas de autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. ainda têm lugar no mundo contemporâneo?*

Paulo César Nascimento: Talvez uma diferença nossa com relação aos autores clássicos é que você não vai ter mais uma visão completa do Brasil, um retrato desenhado do país como um todo – por exemplo, um quadro do Brasil Colonial. Serão temas mais recortados. Duvido muito que haja hoje em dia uma obra de fôlego que abarque o Brasil como esses autores abarcavam. Mesmo quando nós voltamos para obras do passado, você vai pegar apenas aspectos, e não a obra como um todo.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *Qual o lugar para o senhor do Pensamento Social e Político feito no Brasil dentro do quadro das ciências sociais brasileiras? Caberia apenas leituras históricas, de autores localizados no seu tempo, ou se pode ir além disso e fornecer questões para o debate do presente?*

Paulo César Nascimento: Eu acho que é mais nesse sentido de trazer questões, mesmo que em análises recortadas em vez da obra toda. É preciso ter o aspecto histórico, mas também debater os temas – e é possível até mesmo fazer, por exemplo, uma análise quantitativa, de classe, com uma metodologia mais contemporânea no universo das ciências sociais.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *Faz sentido falar em “Brasil”, como uma unidade, em um mundo de identidades fragmentadas?*

Paulo César Nascimento: Quando Aristóteles falava da pólis, ele dizia que aquilo que a “colava” era o sentimento de pertencimento. No Brasil há regiões, classes sociais, raças, culturas muito diferentes. O que “cola” isso tudo é o imaginário da identidade nacional, o que é algo intangível, até mesmo metafísico. Você pode não ter nada a ver com música sertaneja ou samba, mas se ouve sabe que aquilo é brasileiro. Como bem colocou Benedict Anderson, são “comunidades imaginadas”, mas você só imagina isso através dos instrumentos modernos: o mapa do país, a comunicação da língua oficial, a moeda, o símbolo...

Quando as ciências sociais vêm investigar a identidade nacional, muitos acabam se esquecendo que essa “cola” é imaginária. O país existe apesar de todas as divisões de raça, de credo, de cor. Isso se manifesta de forma mais clara na Copa do Mundo. A paixão que o futebol mobiliza nas pessoas pela seleção do seu próprio país é impressionante. Nenhum político, partido ou teoria (liberal, comunista ou o que seja) consegue tal mobilização. Toda vez que uma dessas doutrinas entrou em competição com o nacionalismo, o nacional sempre ganhou. O país para por aquilo que todos vão torcer, há um intervalo nas divergências (por exemplo, entre esquerda e direita). É preciso ser muito “do contra” para torcer por outro país (risos). Nelson Rodrigues, nesse sentido, sempre foi um grande intérprete do Brasil: “a seleção é uma pátria de chuteiras” é uma frase maravilhosa. O dia em que a Copa do Mundo não mobilizar mais ninguém, aí sim é sinal de que a identidade nacional está morrendo. Em uma guerra como essa da Rússia e da Ucrânia isso fica claro. Alguém vai morrer por FMI, pela OMC? Não, você morre pela sua pátria, tamanha é a paixão que o sentimento nacional mobiliza.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *Neste momento, o que é o Brasil?*

Paulo César Nascimento: Como dizem os americanos, essa é a pergunta de um milhão de dólares (risos). O Brasil me parece, para dizer uma triviali-

dade, um país sempre em construção. O Brasil se resume, para mim, naquela aspiração de conseguir um lugar ao sol no mundo. Isso significa respeito pelo Brasil, não só pelo samba ou pelo exótico, mas também por problemas sociais já encaminhados, que tenha um peso, uma voz no mundo. Acho que todas as construções do Brasil no pensamento social e político levam para isso. A pessoa que é marxista e que quer a revolução socialista ou um ultraliberal como o Roberto Campos – todos querem ver um Brasil que ainda não existia, cada um quer colocar os instrumentos para o país deslanchar. Os EUA também estão em construção (por exemplo, ainda não resolveram a questão racial), mas lá você tem um passado solidificado para o qual olha e diz: “Já construímos muita coisa”. Os países que hoje influenciam o mundo – França, Inglaterra, EUA... – já têm um acervo histórico de conquistas, de desafios superados que os permite já terem uma base para mais preservar do que inovar. O Brasil ainda me parece ter mais que inovar do que preservar, ainda está tateando essa questão, porque o desenvolvimento econômico ainda é muito por solavancos. A urbanização é impressionante, mas ainda não está muito solidificada.

O Brasil começa a ser admirado enquanto ainda não era Brasil, mas quando parecia ser um éden ambiental, aquela natureza que tanto impressionou os portugueses. É interessante que, com a destruição da natureza nos últimos anos, essa questão esteja voltando também, pois o Brasil precisa resolver como é que vai fazer esse desenvolvimento. Se vai ser um progresso destrutivo ou se vai ser um progresso preservando, resgatando aquela imagem edênica, da natureza exuberante. Na verdade, é isso que os ambientalistas querem recuperar no Brasil. Em 1970, o regime militar brasileiro – mas se fosse um regime socialista na época teria a mesma ideia – desenvolvia desmatando, construindo estradas, abrindo fronteiras... Hoje em dia isso não é mais possível, a não ser de forma ilegal.

O Brasil é sempre uma construção, mas querendo chegar a um ponto em que possa ter um acervo de conquistas: meio-ambiente preservado, infraestrutura econômica, um certo nível de desenvolvimento social...

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *A retórica do “Brasil grande”, segundo Idelber Avelar em Eles em Nós: Retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI (2021), aparece desde os militares até os governos petistas – por exemplo, o discurso nacional-desenvolvimentista que diz que “o futuro é agora”.*

Paulo César Nascimento: Essa concepção do “progresso destruidor” de fato está tanto na esquerda quanto na direita brasileira. Progredir era destruir. Na

URSS, por exemplo, você tinha aquelas hidrelétricas imensas, o rio que desviaram para fertilizar uma terra árida, aquilo como grande conquista do socialismo.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *Isso é bem compatível com a perspectiva marxista, que tem uma visão prometeica do ser humano. Nesse sentido, a URSS foi bem coerente com Marx?*

Paulo César Nascimento: Sim, Marx era um iluminista, para ele progresso era indústria. A ideia de progresso hoje em dia está sendo mudada. Os marxistas estão tendo que se adaptar a isso, mas também os liberais e capitalistas. Essa preocupação ambiental não está no pensamento liberal clássico e nem no Iluminismo.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *Nordeste (Gilberto Freyre, 1937) traz um olhar ambientalista – por exemplo, a crítica ao latifúndio pelos danos ao solo, mesmo que a perspectiva de Freyre possa ser considerada conservadora. Além disso, A Ideia de Decadência na História do Ocidente (Arthur Herman, 1997), ressalta que o ambientalismo tem suas origens no Romantismo.*

Paulo César Nascimento: Sem dúvidas, porque os românticos – não só os alemães, mas também, por exemplo, os russos – tendiam ao nacionalismo, e para eles a questão da terra (por exemplo, a relação do camponês com o solo) era muito importante. O Romantismo deixou muitas raízes, e uma delas foi parar no nazismo. Um dos problemas da Hannah Arendt é justamente um corte com o passado: quando vai examinar os regimes totalitários em *Origens do Totalitarismo* (1951), ela encaixa tudo dentro de uma crítica à modernidade (na sociedade de massas ninguém pensa; a ideologia substitui o pensamento etc.), quando na verdade tanto no nazismo quanto no stalinismo o passado penetrou bastante, principalmente no caso nazista, com seus elementos românticos.

Aliás, sobre esse peso do passado, o Partido Comunista Chinês consegue se manter mesmo diante das previsões de que, com a criação de uma classe média grande, o regime ia se abrir. Acho difícil ocorrer essa abertura, porque se as pessoas não tiverem tanto interesse na política, vai prevalecer aquela crítica de Platão à democracia, a qual parte da noção de que há uma erupção de desejos mesquinhos que têm que ser controlados pelo sábio – que, no caso chinês, é o Partido.

Kaio Felipe e Mateus Lôbo: *Nesse sentido, então o Partido Comunista Chinês é o “rei filósofo” adaptado ao contexto da China socialista?*

Paulo César Nascimento: Sim, o marxismo é extremamente platônico, principalmente o leninismo. Para Platão tem que existir uma metafísica que vai ditar os rumos da realidade. Quem é que vai ter alcance a esse conhecimento? Não vai ser o carpinteiro, o escravo ou o comerciante, vai ser o filósofo – o qual é como a vanguarda que o Lênin falava. Em *Que Fazer?* (1902) ele é muito sincero: a classe operária por si só não vai muito longe, no máximo vai chegar no nível sindical (como na Inglaterra) e depois vai se corromper, porque o capitalismo tem instrumentos para corrompê-la. Caberia então construir um partido de marxistas que vá de fora para dentro para a classe operária, conduzindo-a ao socialismo. Isso é extremamente platônico: quem vai dirigir é o sábio. Daí você vê que há uma tradição que vai além do marxismo, não é “culpa” dele próprio ser uma ideologia totalitária. André Glusckmann dizia que a Inquisição está na *Bíblia* da mesma forma que o Gulag está no *Capital* – ou seja, certas filosofias seriam inerentemente totalitárias. Oras, o catolicismo tem a ver com Inquisição, mas também com Teologia da Libertação, com os franciscanos dedicados aos pobres, e a social-democracia tem suas origens no marxismo. Por outro lado, é claro que o pensamento marxista-leninista é mais problemático, porque o Partido se coloca como dono da verdade, pois possui o conhecimento do materialismo histórico, quem for contra ele está contra a História, e, portanto, tem que ser fuzilado – é o corolário (risos).

REFERÊNCIAS

- NASCIMENTO, P. C. *et al.* (org.). **A Identidade Nacional em Questão**. São Paulo: Annablume, 2016.
- NASCIMENTO, P. C.; BREA, G.; MILOVIC, M. (org.). **Filosofia ou Política?:** Diálogos com Hannah Arendt. São Paulo: Annablume, 2010.
- NASCIMENTO, P. C.; SOUSA, L. Brazilian National Identity at a Crossroads. **International Journal of Politics, Culture and Society**, New York, v. 19, p. 129-142, 2008.
- NASCIMENTO, P. C. Dilemas do Nacionalismo. **BIB:** Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, v. 56, p. 33-53, 2003.